

A DEFESA NACIONAL

Alexandre Moreno dos Santos
Editor

Elias Rodrigues Martins Filho (presidente)

Velir de Sousa

José Maria da Mota Ferreira

Ricardo Ribeiro Coimbra Baptista Lima

Fernando Vélez Gómez-Pérez (relator)

Carlos Eduardo de Moura Neves

Túlio Endres da Silva Gomes

Eduardo de Souza

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

Praca Gen. Tibúrcio, 125

Praca Vermelha - Rio de Janeiro-RJ - Brasil

CEP 22290-270

Tel.: (21) 3975-3888

Composição
Revisão
Jorge Rodrigues Lobato

Diagramação
Julia Duarte

juliaaduante@gmail.com

Impressão

Ediográfica
Diagramação
BIBLICK
Palácio Duque de Caxias
Praca D. de Caxias, 25 – 3º andar – Ala Marcílio Dias
RJ de Janeiro-RJ – Brasil – CEP 20221-060
Tel.: (21) 2519-5711 – Fax: (21) 2519-5569
www.biblick.ensino.ebr.br

Diagramação
Julia Duarte

juliaaduante@gmail.com

Impressão

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES
Instituto — Praça Tancreto: AUTOMAN ALMEIDA, ESTADO LÍTIO DE CARNAUBA E J. DE SOUZA NEVES

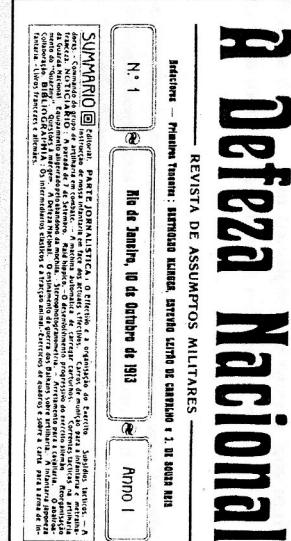
Revista de Assuntos Militares

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

N.º 1

Rua de Janeiro, 10 de Outubro de 1913

Ano I



Prezados leitores,

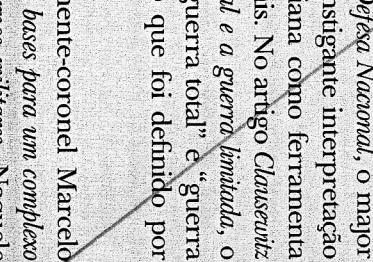
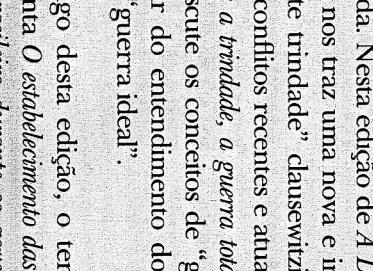
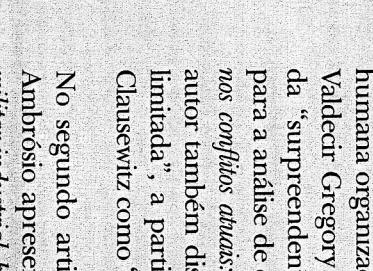
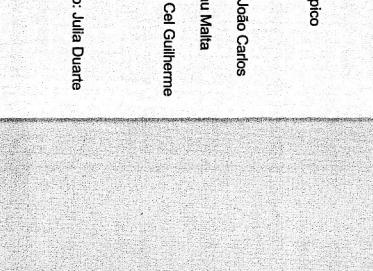
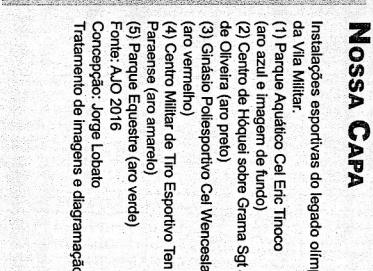
Em 1993, o renomado historiador militar britânico sir John Keegan publicou o livro *A History of Warfare*, mais tarde traduzido e publicado no Brasil sob o título *Uma História da Guerra*. No primeiro parágrafo daquela obra, Keegan contestava frontalmente a conhecida afirmação de Clausewitz, de que a guerra é a continuação da política por outros meios. A tese do livro era a de que a guerra é um fenômeno cultural e que a atividade guerreira tem muito pouco a ver com a política. Esse livro de Keegan foi apenas uma das inúmeras manifestações daquilo que já foi chamada de “a longa tradição de jogar Clausewitz na lata do lixo”. A década de 1990 foi proíba em livros e artigos que contestavam as concepções clausewitzianas sobre a natureza e o caráter da guerra, e que apregoavam a ausência do caráter trinitário dos conflitos que eram descritos como “novas guerras”, “guerras assimétricas”, ou diversos outros epítetos usados para designar formas recentes do velho fenômeno da violência humana organizada. Nesta edição de *A Defesa Nacional*, o major Valdecir Gregory nos traz uma nova e instigante interpretação da “surpreendente trindade” clausewitziana como ferramenta para a análise de conflitos recentes e atuais. No artigo *Clausewitz nos conflitos atuais: a trindade, a guerra total e a guerra limitada*, o autor também discute os conceitos de “guerra total” e “guerra limitada”, a partir do entendimento do que foi definido por Clausewitz como “guerra ideal”.

No segundo artigo desta edição, o tenente-coronel Marcelo Ambrósio apresenta *O estabelecimento das bases para um complexo militar-industrial brasileiro durante os governos militares*. Naquele período, houve um grande desenvolvimento da indústria de defesa nacional, impulsionado tanto pela necessidade de reequipar as Forças Armadas brasileiras quanto pela intenção os elementos pré-textuais que o caracterizam. As referências, sob exclusiva responsabilidade dos autores, devem ser elaboradas de acordo com as prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O artigo, sendo científico, deverá conter o documento digital compatível com o programa Microsoft Word®, formato A4, fonte Arial 12, margens de 3cm (E e 2,5cm (D), entrelinhamento 1,5. As figuras deverão ser fornecidas em separado, com resolução mínima de 300dpi.

O artigo, sendo científico, deverá conter os elementos pré-textuais que o caracterizam. As referências, sob exclusiva responsabilidade dos autores, devem ser elaboradas de acordo com as prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

EDITORIAL



Créditos das fotos:
(1) acervo da ADN 2016
(2 a 4) Gabriel Heust ([www.heustaction.com](http://heustaction.com))

(5) Miriam Leite ([www.miriamleitefotografias.com](http://miriamleitefotografias.com))

(2 a 5) © Portal Oficial www.kbras/2016.gov.br (conteúdo sob a licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil)

A venda de números avulsos
será feita na Administração:
Tel.: (21) 2519-5715

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL

dos. Isso para atender, nas melhores condições, as necessidades da nova força expedicionária.

Por fim, conclui-se que o presente trabalho buscou, nas experiências da FEB, a inspiração para que o EB possa superar os desafios da era tecnológica. A nova dinâmica das informações traz reflexos para todos

Referências

- Araújo, Ivan Christie Barros. *Os uniformes de combate da Força Expedicionária Brasileira: Contribuições para atuais e futuras demandas logísticas do Exército Brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2014.
- Castelo Branco, Manoel Thomaz. *T. O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
- Fifth Army. *Fifth Army History – 16 August – 15 December 1944. The Gothic Line*. Chapter 1: The Arno Line, p. 4.
- Maximiano, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Grua, 2010.
- Moraes, Antônio Henrique Almeida. *No Teatro do Mediterrâneo*, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
- Nascimento, Fernanda de Santos. *A Revista a Defesa Nacional e o Projeto de Modernização do Exército Brasileiro (1931-1937)*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- Norton, Seve; et all. *Operation Encore – The 10th Mountain Division in action. Limited offensive in mountains. 19 February to 5 March 1945*. CSI Battlebook. Combat Studies Institute. Fort Leavenworth: Kansas, 1984.
- Starr, Chester G. *From Salerno to the Alps – A history of the Fifth Army 1943 – 1945*. Washington: Infantry Journal Press, 1948.
- Truscott Jr, Lucian King. *19 Days from Apennines to the Alps. The story of the Po Valley Campaign*. Milan: Pizzi and Pizio, 1945.
- US Army – a. *Peninsular Base Section – Italy. G-4 Periodic Report*. 9 Jan 1945.
- US Army – b. *Peninsular Base Section – Italy. Administrative Order*. 21 Mar 1945.
- Zary, J. C. F./A adaptacão da FEB à guerra de montanha. In: *FEB em Lisboa: célebre passagem das tropas brasileiras em Portugal*. 1^a ed. Lisboa: Aditânia do EB e FAB da Embaixada do Brasil em Lisboa, 2015, v.1, p. 43-47.
- NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

os campos do poder, o que gera necessidades cada vez mais urgentes para os Estados, que confiam em suas Forças Armadas grande responsabilidade para a solução de conflitos. Dessa maneira, o EB deve buscar estar em condições de operar nos mais diversos ambientes existentes. ☺

Adolfo Koutoudjian*

A única verdade é a realidade.
Aristóteles

Introdução

Em geopolítica, houve duas grandes teorias que buscaram explicações para a problemática mundial do século XX e para o problema do poder mundial. Essas teorias foram conhecidas, genericamente, como a do Poder Naval como determinante da política mundial — formulada pelo estrategista norte-americano Alte Alfred Mahan em 1890 — e a do Poder Terrestre — formulada pelo geógrafo inglês Prof. Halford Mackinder em 1904 e desenvolvida pela Inglaterra a partir da Batalha de Trafalgar, em 1805, no domínio dos mares.

A teoria do Poder Naval tem sua máxima expressão na obra intitulada *The Influence of Sea Power Upon History, 1660-1783*, escrita por A. Mahan e publicada em 1890. Nela, o autor entende que o que engrandeceu o Império Britânico foram sua supremacia marítima e à Grã-Bretanha do século XIX.

Por sua vez, o Prof. Halford Mackinder apresentou, em julho de 1904, na Sociedade Geográfica de Londres, um trabalho intitulado *O pôlo geográfico da História*, no qual desenvolveu o conceito do “Heartland” (coração da

* Licenciado em Geografia, pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Professor de Geopolítica na Escola de Defesa Nacional (Argentina), professor de Geopolítica e Geoestratégia na Escola Superior de Guerra Conjunta das Forças Armadas e professor de Geopolítica na Escola de Guerra Naval. É professor conviado do Departamento de Geografia da UBA, Gerente de Planejamento da Coordenação Ecológica Área Metropolitana Sociedade do Estado e Consultor Técnico da Subsecretaria de Planificação Territorial do Investimento Público da Nação (Argentina).

**Da Royal Navy do século XIX à U.S. Navy do século XXI
(O século XXI é a definitiva ocupação da terra, de seus mares, dos leitos oceânicos, do espaço exterior e das calotas polares)?**

terra euroasiática), máxima expressão teórica do Poder Terrestre. Essa teoria assinala que, em boa medida, a história da civilização moderna é a história da luta contra os povos que vêm do coração da Ásia, ou seja, de uma região que denominou o Heartland.

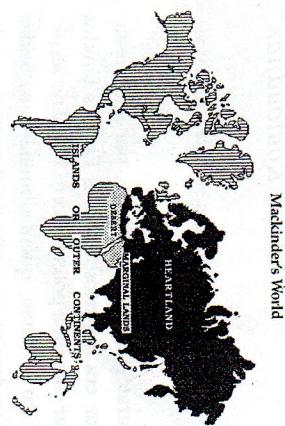


Figura 1 – O mundo segundo Mackinder (1904)

Fonte: Vincens Vives, J. (1961). Tratado Geral de Geopolítica

Em síntese, Mackinder assinalava que, de alguma maneira, a história do mundo estava marcada em função da pressão dos povos que vinham do centro da Ásia. Explicava que o poder desses povos se apoiava no fato de que a área de onde surgia o grosso das invasões era inalcançável para os povos marítimos ou costeiros, de onde as grandes distâncias davam a essas cavalariais — fundamentalmente mongóis — um poder de mobilidade terrestre absolutamente decisivo do ponto de vista militar, como nos casos de Gengis Khan, Tamerlão e outros. Direta ou indiretamente, eles levaram à queda do Império Romano do Ocidente (século VI) e do Oriente (Constantinopla, 1453) e à emigração dos povos do leste em direção às margens da Europa. Já no século XX, esse poder fático era possuído

pela Rússia e seu sistema de alianças com a Alemanha, a China etc.

Atualmente, a região à qual nos referimos é a soldadura entre a Eurásia, a África do Norte e o Oriente Médio e o assento dos principais recursos energéticos mundiais, ou seja, do combustível que move a economia mundial.

O objetivo do presente trabalho é esta-

belecer, através da análise da História, como o Poder Terrestre, que soube prevalecer sobre os demais poderes na Eurásia durante todo o século XX, sucumbe diante do triunfo do Poder Aeronaval neste século XXI. Da mesma forma, fazendo referência aos Estados Unidos, restará esboçado que as explicações para a problemática mundial e para o problema do poder no século XXI não se devem a um só fator — o político, ao financeiro, ao tecnológico e ao cultural.

É claro que a visão geopolítica não pretende dar um sentido totalizador à História Contemporânea, mas é uma perspectiva muito ausente no debate acadêmico, político, ideológico e cultural e que vale a pena ser retomada.

Mahan ou Mackinder

Em nossa perspectiva, de maneira suícta, os principais acontecimentos geopolíticos do século XX se destacam por:

1. Luta pela hegemonia na Eurásia

O século XX, tal como o descreveria Mackinder, foi um período histórico no qual a luta para alcançar a hegemonia, ou a neutralização do Heartland, estava na ordem do dia, e o dever do Poder Naval Britânico era conter os "continentalistas". Seus principais representantes foram, antes do século XX, Napo-

leão (França), recriando uma *Magna-Europa*, e Bismark, recriando o Primeiro Império Alemão (1º Reich), que unificou todos os estados alemães na Europa Central (Mitteleuropa). Já no século seguinte, se destacaram os Estados "continentalistas" Alemanha (Hitler) ou Rússia (URSS). Em seguida apresentaremos fatos que comprovam a presente afirmação.

2. Guerra Russo-Japonesa: limitar a Rússia no Pacífico

Durante os anos 1904 e 1905, aconteceu uma guerra entre a Rússia e o Japão, cujo teatro de operações centrou-se principalmente na península de Liaodong e Mukden, nos mares da Coreia e do Japão e no Mar Amarelo. A Rússia buscava obter uma saída de águas mornas no Oceano Pacífico para uso de sua Armada e para seu comércio marítimo. Por sua parte, o Japão decidiu entrar em guerra para manter seu Protetorado sobre a Coreia e o Mar Amarelo. Inesperadamente, o Japão, um povo asiático, venceu uma potência imperialista europeia, mudando então o equilíbrio de poder no Leste Asiático. O Império Russo viu sua esquadra derrotada no Oceano Pacífico e sua esfera de influência limitada.

3. A Royal Navy propulsada a petróleo (1912) – O two-power standard da esquadra britânica

A Royal Navy (ou Marinha Real Britânica) foi fundada no século XVI, convertendo-se na força armada mais antiga do Reino Unido. Desde finais do século XVII, após a Guerras Sete Anos, e, em especial, depois da Batalha de Trafalgar (1805), até a Segunda Guerra Mundial, foi a marinha mais poderosa do mundo,

ocupando um papel chave no estabelecimento da Grã-Bretanha como potência dominante em nível mundial. Seu domínio, em boa medida, foi o suporte das independências americanas e do equilíbrio na Europa.

A Lei de Defesa Naval, promulgada no ano 1889, foi uma lei do Parlamento do Reino Unido, cujo objetivo foi adotar formalmente o chamado *two-power standard* (padrão de duas potências). Mediante ele, foi estabelecido que a Royal Navy deveria contar com uma quantidade determinada de barcos de guerra que deveria ser, pelo menos, igual à força combinada das duas maiores marinhas do mundo (naquele momento: França e Rússia). Em outras palavras, a quantidade de barcos de guerra do Reino Unido devia ser igual ou maior que a quantidade de barcos que tinham, conjuntamente, a França e a Rússia.³ Paralelamente, buscou-se manter um equilíbrio na Europa, que não permitisse nem um novo Napoleão, nem uma Alemanha atlântica, nem uma Rússia atlântica central.

Cabe mencionar, como fato transcendental, a mudança na propulsão da esquadra britânica, a qual, a partir de 1912, começou a utilizar o petróleo como meio de impulsão. Isso levou à valorização do petróleo em todo o Oriente Médio, em particular, e no mundo, em geral, mudando a logística do mar e as estratégias geopolíticas associadas, em especial no Oriente Próximo e Médio.

4. Corrida para a Índia entre a "linha marítima inglesa" (Gibraltar-Malta-Suez-Babel-Mandeb-Socotora-Omán) e a Ferrovia Berlim-Bagdá (contramobilidade continental alemã)

A Índia era, para o Reino Unido, assim como também para outras potências eu-

ropéias, como Portugal, uma joia comercial. Em meados do século XIX, a Índia estava sob o controle da Companhia Britânica das Índias Orientais. Devido a que era de sumo interesse para o Império Britânico manter ali intacta sua influência, a Grã-Bretanha foi conquistando certos territórios geopoliticamente estratégicos para desenvolver e manter a denominada "linha marítima para a Índia".

Para isso, utilizou e reforçou suas conquistas seculares, para citar alguns exemplos, em:

- Gibraltar, capturada em 4 de agosto de 1704, durante a Guerra de Sucessão Espanhola, e cujo estreito comunica o Mar Mediterrâneo com o Oceano Atlântico.
- Malta, arquipélago situado no centro do Mediterrâneo e concedido ao Império Britânico em 1814 por meio do Tratado de Paris.
- O Canal de Suez (Egito), via artificial de navegação que une o Mar Mediterrâneo com o Mar Vermelho. Em 1875, o Império comprou a parte das ações do governador egípcio Pachá, assegurando assim o domínio do canal.
- A Ilha de Socotra, no estreito de Bab-el-Mandeb, do Mar Vermelho, e as costas adjacentes, em fins do século XIX.
- Omã, que embora sempre tenha sido independente do Reino Unido, este último teve e tem ali uma forte influência. Omã possui uma localização estratégica, nas proximidades do estreito de Ormuz.

Como resposta aos interesses britânicos, o Império Alemão decidiu impulsionar, em 1903, a denominada Ferrovia Berlim-

-Bagdá (ou ferrovia de Bagdá). O objetivo desse projeto, finalizado em 1940, era conectar Berlim a Bagdá (no então debilitado Império Otomano) ou Hamburgo a Basra,

através de 1.600km de vias. Bagdá possuía uma importância estratégica para o Império Alemão, por seu acesso ao Porto de Basra, o qual permitiria o comércio de produtos alemães com o resto do mundo, desde o Golfo Pérsico, o que significava uma ameaça direta ao domínio econômico britânico no comércio colonial. Da mesma forma, o projeto buscava prover petróleo ao Império Alemão, proveniente das bacias petrolíferas do Iraque e do Ira. De igual modo, a projeção alemã em direção à fronteira com o Cáucaso e para o norte da Pérsia ameaçava a posição dominante do mercado russo, outro império afetado por dita ferrovia. As potências centrais, nesse caso os impérios Alemão, Austro-Húngaro e Otomano, alinharam-se contra as potências marinhas, como o Reino Unido, França e o respaldo continental da Rússia.

5. Primeira Guerra Mundial.

Ano crucial: 1917

A Primeira Guerra Mundial começou em 28 de julho de 1914 e finalizou em 11 de novembro de 1918, quando a Alemanha pediu o armistício. Finalmente, em 28 de junho de 1919, os países em guerra firmaram o Tratado de Versalhes.

Embora este ensaio não busque adentrar-se nos fatos que aconteceram durante a Primeira Guerra Mundial, cabe mencionar um ano em particular, 1917, ocasião na qual a Guerra deu uma virada, abrindo a possibilidade de uma eventual vitória estratégica alemã, ao se produzir a Revolução Russa,

auspicada pela Alemanha. O clima de instabilidade produzido por aquele evento permitiu aos alemães avançar consideravelmente em território russo. Finalmente, em 1918, os bolcheviques firmaram a Paz de Brest-Litovsk, dando virtualmente aos impérios centrais o domínio do continente, desde o Rio Berezina até o Rio Reno.

Entretanto, naquele mesmo ano, voltou a ocorrer outra virada, quando os EUA declararam Guerra aos impérios centrais. Muitos historiadores entendem que um dos fatos que motivaram o ingresso dos Estados Unidos na contenda foi o afundamento do Lusitânia, em 7 de maio de 1915. Esse episódio provocou um forte repúdio nos Estados Unidos, país que, desde então, começou a se preparar para lutar oficialmente ao lado dos Aliados. Finalmente, a circunstância que provocou a entrada dos EUA na Guerra foi seu conhecimento do Telegrama Zimmermann, por meio do qual a Alemanha propunha ao México uma aliança anti-EUA. O desembarque massivo do Exército norte-americano na Europa em 1918 provocou uma nova mudança no tabuleiro estratégico, assegurando a derrota estratégica alemã.

Dessa maneira, foi criado o Eixo Berlim-Roma-Tóquio, que logo daría lugar a uma aliança militar entre aquelas nações. O Eixo contou com a aquiescência da URSS (até 1941), que o via como uma aliança euroasiática anti-saxã.

Por outra parte, o Tratado de não Agressão entre a Alemanha e a URSS, também conhecido como Pacto Ribbentrop-Molotov, foi firmado em Moscou em 23 de agosto de 1939, pelos ministros de Assuntos Exteriores da Alemanha e da União Soviética, Joachim von Ribbentrop e Viacheslav Molotov respectivamente. Um fato que cabe destacar é que esse tratado foi firmado nove dias antes de se iniciar a invasão da Polônia e, por consequência, a Segunda Guerra Mundial.

O objetivo do tratado, tal como seu nome sugere, foi estabelecer cláusulas de não agressão mútua. Não obstante, o real objetivo do Tratado foi fixado em um Protocolo Adicional secreto, no qual o Terceiro Reich e a URSS fixaram

6. Entreguerras: Desenvolvimento da

Escola Geopolítica de Munique (1933), dirigida pelo Geopolítico, Gen Prof Karl Haushofer, cuja tese era uma Aliança

estratégica amigável com a Rússia:

Pacto Ribbentrop-Molotov (1939). Eixo

Berlim-Roma-Tóquio (1940)

7. A Segunda Guerra Mundial

Karl E. Haushofer, importante geopolítico alemão, é conhecido por ser um dos principais propositores das ideias do *Lebensraum* (espaco vital), tomadas de Ratzel (1892).

Essas ideias analisam a relação existente entre o espaço físico e a população, argumentando que a própria existência do Estado fica assegurada quando este dispõe de suficiente território para atender e prover todas as necessidades de seu povo. O conceito do *Lebensraum* foi tornado por Adolf Hitler para justificar a expansão territorial do Terceiro Reich. Só que, em vez de fazê-lo por alianças, Hitler o fez por conquista militar a partir de 1941. (Operação Barbarossa) selando sua derrota estratégica em Moscou, Stalingrado e Kursk.

Em fins de 1936, a Alemanha e o Japão firmaram um tratado anticomunista, chamado Pacto anti-Komintern. No ano seguinte, se uniu ao tratado a Itália, país que já havia assegurado seus interesses expansionistas no Mediterrâneo, mediante um tratado com a Alemanha. Dessa maneira, foi criado o Eixo Berlim-Roma-Tóquio, que logo daría lugar a uma aliança militar entre aquelas nações. O Eixo contou com a aquiescência da URSS (até 1941), que o via como uma aliança euroasiática anti-saxã.

Por outra parte, o Tratado de não Agressão entre a Alemanha e a URSS, também conhecido como Pacto Ribbentrop-Molotov, foi firmado em Moscou em 23 de agosto de 1939, pelos ministros de Assuntos Exteriores da Alemanha e da União Soviética, Joachim von Ribbentrop e Viacheslav Molotov respectivamente. Um fato que cabe destacar é que esse tratado foi firmado nove dias antes de se iniciar a invasão da Polônia e, por consequência, a Segunda Guerra Mundial.

O objetivo do tratado, tal como seu nome sugere, foi estabelecer cláusulas de não agressão mútua. Não obstante, o real objetivo do Tratado foi fixado em um Protocolo Adicional secreto, no qual o Terceiro Reich e a URSS fixaram

sus respectivas zonas de influências sobre a Europa Oriental, logrando deste modo uma aliança continental que deixava de fora a Grã-Bretanha e os EUA.

O Tratado durou até a primavera de 1941, quando os alemães invadiram a URSS, mediante a denominada "Operação Barba-rosa", quando Hitler contrariou os princípios da doutrina geopolítica alemã, que não propunha a luta contra a Rússia, mas exata-mente o contrário.

7. O ano decisivo, 1941: Hitler

invade a URSS (desastre estratégico alemão); Japão ataca os EUA (derrota estratégica japonesa)

A Segunda Guerra Mundial começou em 1º de setembro de 1939, com a invasão ale-ma da Polônia, ato que produziu a imediata declaração de guerra por parte da França e do Reino Unido. Durante os dois primeiros anos, a Alemanha logrou conquistar grande parte da Europa continental, mediante a tática militar da Blitzkrieg (Guerra relâmpago).

— Mólotov como algo meramente circunstancial — decidiu pôr em execução a Operação Barbarossa. Com essa operação, entendida como a última das guerras relâmpago, deu-se inicio a mais extensa operação de guerra terrestre da história.

Os alemães lograram conquistar com êxito vastas porções do território soviético. Entretanto, os efeitos dessas vitórias não se revelaram estratégicos. Com a chegada do inverno, os limites logísticos dos alemães começaram a se mostrar cada vez mais evidentes. A frente ale-mã estava muito distendida, e isso dificultava o abastecimento.

Em dezembro de 1941, o Exército Vermelho conseguiu vencer os alemães pela pri-meira vez, na Batalha de Moscou. O fracasso da Operação Barbarossa mostrou ser inevitável, em especial depois de Stalingrado, em fevereiro de 1943.

Enquanto a Operação Barbarossa foi um marco das operações terrestres durante a Segunda Guerra Mundial, com respeito às ope-rações marítimas, cabe mencionar que, em fins de 1941, com o fim de se expandir, o Império do Japão começou uma série de ataques sobre as possessões europeias ou norte-americanas no Oceano Pacífico. O mais conhecido foi o ataque a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941.

Esse ataque provocou tal comoção nos Estados Unidos que levou o país a declarar Guerra ao Japão e entrar na contenda do lado dos Aliados. Muitas foram as batalhas travadas no Pacífico, mas a sorte mudou a partir de Midway (1942). Em meados de 1945, durante a Confe-rencia de Potsdam, os Aliados decidiram dar um ultimato ao Japão, exigindo sua rendição incondicional. Naquela ocasião, estava sendo travada a Batalha de Okinawa, entre o Reino Unido e os EUA contra o Japão, conhecida como o maior assalto anfíbio durante a guerra no Pacífico. O então presidente dos EUA, Harry Truman, entendendo que a batalha ia significar uma grande quantidade de baixas e ante a falta de resposta do Japão ao ultimato, decidiu usar uma nova arma, a atômica, para acelerar o fim da Guerra, embora muitos suspeitem que fosse mais uma advertência à vitoriosa URSS. Foi assim que ocorreram os ataques sobre Hiroshima (em 06/08/1945) e sobre Nagasaki (09/08/1945). Entre ambos os ataques, a URSS iniciou a inva-são da Manchúria, ocupada pelo Japão, logran-do o Exército Vermelho chegar até a Coreia.

Finalmente, o Império Japonês anunciou sua rendição em 14 de agos-to de 1945.

■ Praça de Ensayo que contiene la expansión hacia el este. Previa geopolítica del atlantismo.

8. 1945: Yalta-Potsdam: O Exército Vermelho se estende do Elba ao Pacífico (é o dono do Heartland euroasiático)

A URSS logrou seu apogeu logo após a Segunda Guerra Mundial, ocu-pando, com os países associados, quase 25 milhões de quilômetros quadrados de superfície, sem contar a China, que se converteu ao Comunismo em 1949.

Chegou a medir aproximadamente 10.000 quilômetros desde Kaliningra-do ao oeste (próximo ao mar Báltico), até a Ilha de Ratmanova, localizada no Estreito de Bering. Dessa maneira, lo-grou ser o grande vencedor pela hegemonia na Eurásia.

Já em 1946, o Mundo se dividia em duas áreas de influência: a URSS na Eurásia, com o impulso ideológico do comunismo, e os EUA, grandes vencedores da Segunda Guerra Mundial, donos de todos os mares e de 2/3 do capital econômico e financeiro do mundo. Nascia assim uma Guerra Fria ou Paz Armada, que duraria desde 1947 até 1991.

9. 1946: Guerra Fria – Estratégia Anaconda (de cerco) – G. Kennan

Truman: cercam a URSS

O conceito de "anaconda" foi utilizado pela primeira vez durante a Guerra Civil dos Estados Unidos. O Plano Anaconda, conce-bido pelo general da União Winfield Scott e posto em execução em 1862, baseou-se em um bloqueio naval dos rios Mississippi e

Finalmente, o Império Japonês anunciou sua rendição em 14 de agos-to de 1945.

■ Praça de Ensayo que contiene la expansión hacia el este. Previa geopolítica del atlantismo.

ESTRATEGIA ANACONDA
(decir, 1946-9)

Copertina "Anacoda". Cosa faccio adattare prima soprattutto a strada. Nonostante non sia un bel codice, non devo negare che sia un'opera eccezionale nel suo genere. C'è una
Lingua italiana per il pubblico europeo, ed è stata trasformata in una lingua americana, ma non è molto chiaro.

Figura 2 – Estratégia Anaconda

Fonte: TUROVSKY, Rostislav. Geografía Política. Cátedra de Geografía Política. Universidad de Moscú (2000).

Tennessee, cujo objetivo era cercar e dividir totalmente a Confederação.

Quase um século depois, a mesma ideia foi denunciada pela URSS, que repu-dava a política de contenção ao expansionis-mo soviético por parte dos EUA.

As contendas territoriais periféricas em vários Estados, pre eminentemente europeus.

A seguir, citamos alguns dos conflitos e guer-ras periféricas:

- Guerra Civil na Grécia, com triunfo britânico: 1947.
- Bloqueio de Berlim: 1948.
- Criação da OTAN: 1949.
- Guerra da Coreia: 1950 a 1953.
- Conformação do Pacto de Varsóvia (anti-OTAN): 1955.

- Rangidos do desenho comunista (continental) na: Hungria, 1956; Crise de Suez (com intervenção dos EUA e da URSS), 1956; Checoslováquia, 1968; Indochina – Batalha de Dien-Bien-Phu (e a expulsão dos franceses), 1954; Cuba – Crise dos Misséis (principal enfrentamento direto entre os EUA e a URSS), 1959 a 1963; Vietnã (expulsão dos EUA), 1955 a 1975; Independências africanas anticoloniais (lutas por influências entre EUA-URSS), 1960 a 1980; América Latina – alinhamento com os EUA (Doutrina do TIAR); Peronismo e Terceira Posição, 1947 a 1955; Cuba – alinhamento com a URSS, 1961; Colômbia – Boga- tago Liberal, 1948; Revolução Boliviana Nacionalista, 1952; Aliança para o Progresso de Kennedy, 1960 a 1965; Ciclos de ditaduras militares anticomunistas, auspiciadas pelos EUA – desde 1954 na Guatemala, até o Brasil, 1964, Argentina, 1966, e Chile, 1973; Ilhas Malvinas (choque conceitual no Ocidente), 1982.

- Oriente Médio: luta pela hegemonia entre Oriente e Ocidente. Objetivo: 66% da energia mundial.
 - Afeganistão – o princípio do fim do Poder Terrestre (expulsão da URSS), 1979 a 1988.
 - Berlim – Queda do muro: implosão da URSS, 1989 a 1990.
 - Luta pelo “Crescente Interior”⁵ do Heartland: a Rússia perde suas áreas de influência na Europa do Leste, no Báltico, na Ucrânia e na Ásia Central.
- Como conclusão, embora hajam ocor-

rido importantes acontecimentos geopolíticos relacionados com o Poder Naval, ao longo do século XX predominaram os de poder continental. Não obstante, a situação começou a mudar no final do século, sobretudo com a queda e dissolução da União Soviética, a grande potência terrestre por exceção. Segundo Brezinsky (1998), o Poder Mundial se definiria pelo controle da Eurásia, fato geopolítico controlado pelos EUA e discutido pela Rússia e pela China.

Fim da Guerra Fria e suas consequências no século XXI

- A desintegração incrível da União Soviética representou o exemplo mais claro de que o Poder Terrestre mais importante do século XX, aquele vitorioso nas lutas pelo Heartland, havia sido derrotado. Da mesma forma, com a dissolução da URSS em 1991, evidenciou-se que o Sistema Econômico Capitalista (representado pelos EUA) havia ganhado a Guerra Fria.
- Francis Fukuyama, cientista político norte-americano de origem japonesa, escreveu em 1989 um ensaio intitulado *O fim da História?*. Nesse ensaio, seu autor expõe que, com o fim da Guerra Fria, a democracia liberal se impõe no mundo ante outras formas de governo e que isto levara ao fim das guerras e das revoluções sangrentas.⁶

- A partir daquele momento, começava a consolidação do Poder Militar dos EUA, visualizado na presença de sua Marinha em todos os mares. Segundo o exposto por A. Mahan, é possível afirmar que dita nação domina as ondas dos mares, utilizando a OTAN como sua tropa de fuzileiros navais na Eurásia. Enquanto

isto, o que agora é a Rússia refugiava sua esquadra em suas águas continentais, terminando com os desafios aos EUA.

No marco da luta estratégica pelo domínio mundial no pós-guerra, os EUA passaram o controle oceânico no Hemisfério Norte ao controle oceânico no Hemisfério Sul. Assim, consolidaram um cinturão de Ilhas, bases, portos e instalações navais em todo o mundo, tanto suas como da Grã-Bretanha e de seus aliados da OTAN (também no Hemisfério Sul):

- Guam, desde 1944 (Oceano Pacífico)
- Okinawa, desde 1945 (Costas frente à China)
- Ascenção, desde 1960 (Atlântico Médio)
- Ilha da Páscoa, 1980 (Oceano Pacífico)
- Ormuz (no Golfo Pérsico) 1980
- Diego Garcia, 1971 (Oceano Índico)
- Ilha Socotra, 1990 – (Bab-el-Mandeb) (Mar Vermelho)
- Omã, 1990 (Mar Arábico)
- Malaca em 1985/1990 (com Singapura) (Oceano Pacífico – Oceano Índico)

- Além de um sem-fim de bases e instalações aeronavais em todo o mundo, próximas ao milhar.

- Quanto ao Atlântico Sul cabe mencionar, entre outros:
 - Ilha de Santa Helena, 1981
 - Ilha Tristão da Cunha
 - Ilha de Gough
 - Ilhas Malvinas, 1982
- Boias oceânicas nos principais leitos oceânicos estratégicos dos passos estratégicos e outras instalações aeronavais na América do Sul, África do Sul e Oceania.

Isso, o que agora é a Rússia refugiava sua esquadra em suas águas continentais, terminando com os desafios aos EUA.

Crescente Interior ou Marginal

Se analisarmos aqueles conflitos perfeitos ocorridos entre os anos de 1990 e 2016, é facilmente destacável que nenhum deles questionou o Poder Naval dos EUA. Este tem centrado seus esforços, nas últimas décadas naquelas regiões estratégicas do “Crescente Marginal” da Eurásia, ou seja, onde se encontram os principais recursos gasíferos e petroleiros de nosso planeta: Ásia Central (35% dos recursos gasíferos do Mundo) e Oriente Médio (60% dos recursos petrolíferos e 40% dos gasíferos).

Desde então até agora, tem-se mantido a marginalidade estratégica do continente africano, assim como também a da América do Sul, salvo como abastecedores de matérias-primas e objetivo de influências comerciais.

Um fato geopolítico de considerável importância nos últimos anos se configura no crescimento explosivo da China e da Índia (40% da população mundial), que provocou o auge de consumo de matérias-primas durante 10 anos (2003-2014), hoje claramente em declínio.

Crescente exterior ou insular

A título ilustrativo e sintético, pode-se assinalar, com respeito ao papel do “Crescente Exterior” da Eurásia,⁷ que a Oceania foi integrada ao domínio aeronaval dos EUA. A África Subsaariana ainda se encontra em busca de seu destino.

O Mediterrâneo se converteu em um “lago da OTAN”, onde os desafios por nacionalismos étnicos se encontram na ordem do dia (focos terroristas).

A China, por sua parte, é a grande potência emergente, que se encontra ante a busca de romper o cerco estratégico dos

EUA. Para lográ-lo, tem seguido e busca seguir os seguintes passos:

- 1) Aliança estratégica com a Rússia;
- 2) Assegurar as linhas marítimas;
- 3) Disputar suas águas continentais (mar da China Meridional); e

- 4) Assegurar mercados periféricos da África e da América Latina.

O Japão e a Índia se converteram nas potências de contenção da China, através da assinatura de acordos estratégicos com os EUA.

Finalmente, a Rússia, única potência capaz de aniquilar os EUA por seu poder nuclear, busca manter ou recuperar sua esfera de influência ex-soviética e afastar a OTAN de suas fronteiras, ainda que com enormes dificuldades macroeconômicas e tecnológicas.

Estrutura da US Navy

O Poder Naval se expandiu para o espaço, as comunicações e a economia.

A US Navy tem contado com 12 distintas esquadras desde a Segunda Guerra

almente a Esquadra do Pacífico. A Quarta ocupa-se do Comando Sul, a Quinta, do Comando Central, a Sexta, da Europa, a Sétima, também do Pacífico. A Oitava Esquadra, que se localizava no Atlântico, encontra-se inativa; ela operou no Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial. A Nona Esquadra teve a mesma sorte da Oitava, só que no Pacífico. A Décima Esquadra ocupa-se do Cibercomando, a Décima-Primeira nunca existiu e, finalmente, a Décima-Segunda, confinada à Europa, foi desativada logo após a Segunda Guerra Mundial. Em resumo, atualmente os EUA contam com seis esquadras distribuídas por todo o mundo.

Entretanto, é mister agregar, não obstante, que o poder hegemônico dos EUA não provém somente de sua supremacia militar, mas que, atualmente, é facilmente observável um quadriônomo, composto pelo Poder Militar, o Poder Econômico-Financeiro, o Poder Tecnológico e o Poder Cultural.

Os EUA têm sabido substituir o poderio outorgado, outrora, pelas colônias, por um desdobramento estratégico de bases militares por todo o mundo. Atualmente, possuem 40% do gasto militar mundial. Da mesma forma, constituem a potência financeira do século XXI. O Setor Financeiro Mundial incrementou em torno de um terço sua participação no

Mundial. A Primeira e a Segunda encontram-se atualmente inativas. Com respeito à Primeira, representava a Esquadra do Pacífico. Existiu desde 1947 até 1973, quando foi substituída pela Terceira Esquadra. Quanto à Segunda, abarcava o Oceano Atlântico, mas foi desativada em 2011.

A Terceira Esquadra representa atualmente a Esquadra do Pacífico. A Quarta ocupa-se do Comando Sul, a Quinta, do Comando Central, a Sexta, da Europa, a Sétima, também do Pacífico. A Oitava Esquadra, que se localizava no Atlântico, encontra-se inativa; ela operou no Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial. A Nona Esquadra teve a mesma sorte da Oitava, só que no Pacífico. A Décima Esquadra ocupa-se do Cibercomando, a Décima-Primeira nunca existiu e, finalmente, a Décima-Segunda, confinada à Europa, foi desativada logo após a Segunda Guerra Mundial. Em resumo, atualmente os EUA contam com seis esquadras distribuídas por todo o mundo.

Entretanto, é mister agregar, não obstante, que o poder hegemônico dos EUA não provém somente de sua supremacia militar, mas que, atualmente, é facilmente observável um quadriônomo, composto pelo Poder Militar, o Poder Econômico-Financeiro, o Poder Tecnológico e o Poder Cultural.

Os EUA têm sabido substituir o poderio outorgado, outrora, pelas colônias, por um desdobramento estratégico de bases militares por todo o mundo. Atualmente, possuem 40% do gasto militar mundial. Da mesma forma, constituem a potência financeira do século XXI. O Setor Financeiro Mundial incrementou em torno de um terço sua participação no

Produto Bruto Mundial total nas últimas três décadas (baseado principalmente em Wall Street, Londres e os paraísos fiscais).

O produto bruto dos Estados Unidos é um quarto do produto bruto mundial. Mesmo que há meio século, mas ainda decisivo na Economia Mundial.

Entre 2001 e 2011, o PIB dos EUA cresceu

mais que o PIB da China, que cresceu

mais que o PIB da Alemanha, que cresceu

mais que o PIB do Japão, que cresceu

mais que o PIB da França, que cresceu

mais que o PIB do Reino Unido, que cresceu

mais que o PIB da Itália, que cresceu

mais que o PIB da Espanha, que cresceu

mais que o PIB da Alemanha, que cresceu

mais que o PIB da Austrália, que cresceu

mais que o PIB da África do Sul, que cresceu

mais que o PIB da Turquia, que cresceu

mais que o PIB da Grécia, que cresceu

mais que o PIB da Polônia, que cresceu

mais que o PIB da Rússia, que cresceu

mais que o PIB da Índia, que cresceu

mais que o PIB da China, que cresceu

mais que o PIB da Índia, que cresceu

Embora nenhuma das guerras anteriores mencionadas tenha obtido os resultados esperados, e apesar dos repetidos reveses, o certo é que, quando Barack Obama assumiu a presidência, o potencial militar de EUA continuava sendo incontestável.

Entretanto, conforme passavam os anos, foi possível observar um processo de reestruturação interna das bases militares fora das fronteiras. Estas, antes enormes instalações, passaram a formar bases muito menores, chamadas "nenúfares", cuja característica específica era que podiam servir de plataforma para tropas altamente móveis.

Já durante a presidência de Barak Obama, os EUA começaram observar a China como seu novo rival internacional. A partir de então, e com o começo do fim das guerras do Iraque e do Afeganistão, as Forças Armadas norte-americanas começaram a ser transferidas para a Ásia. Foi a própria Hillary Clinton, então secretária de Estado, quem, em 2011, publicou na revista de política internacional Foreign Policy um artigo intitulado *America's Pacific Century (O século do Pacífico Americano)*, em uma tradução literal.⁸

Paralelamente, buscam acordos comerciais com a China, que implicam uma virtual instalação do G-2 por sobre o G-7 ou o G-20.

Obama, entre outras ações militares, enviou tropas à Austrália e levou a cabo manobras navais conjuntas com as Filipinas e com o Vietnã.

Em relação à estratégia bélica no pivô asiático, os EUA desenvolveram o conceito de "balança aeronaval", cujo objetivo era coordenar as forças aeronavais para responder à crescente capacidade da China na região. Como resposta, o então presidente chinês Hu Jintao pronunciou um discurso no qual solicitou à Marinha que começasse a se preparar para uma guerra.⁹

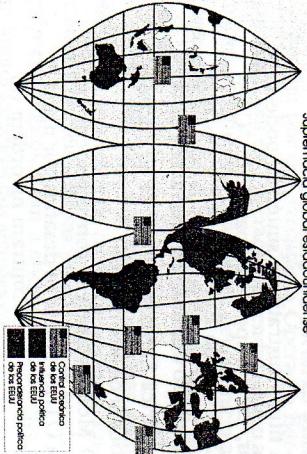


Figura 3 – Supremacia norte-americana
Fonte: Zbigniew Brezinski, El Gran Tablero Mundial: la supremacía estadounidense y sus imperativos geopolíticos (1998)

Também desenvolveu as maiores manobras militares da História com a Rússia em 2014.

Tanto dinheiro havia sido gasto pelos EUA durante as guerras iniciadas por George W. Bush, que não causou surpresa que em 2011 a administração Obama anunciasse um plano de corte orçamentário em matéria de Defesa. Entretanto, interessa destacar que, durante a defesa desses cortes, a administração procurou deixar claro que a reestruturação não afetaria de modo algum as aspirações norte-americanas na Ásia.

Um ano mais tarde, em 2012, Obama assegurou que os EUA poderiam garantir a segurança com menos unidades convencionais terrestres.¹⁰ A aposta parecia ser agora pelas forças aeronavais, os *drones* e as novas tecnologias.

Leon Panetta, então secretário de Defesa dos EUA, anunciou o começo de um novo equilíbrio mundial para as Forças Armadas, realocar unidades navais do Atlântico, logrando para o ano 2020 contar com 60% do Poder Naval no Oceano Pacífico.¹¹

Qual é o papel da América do Sul (e Caribe)?

Seguindo o exposto por Mahan, a estratégia naval para os EUA consistia, no inicio do século XX, entre outros aspectos, em poder ter a capacidade de trasladar-se rapidamente de um oceano a outro (por isso a importância do Canal do Panamá como centro nerválgico de seu plano), assim como também exercer um total controle sobre o Golfo do México e o Caribe.

Cabe fazer então uma menção especial à Quarta Esquadra da US Navy, criada durante a Segunda Guerra Mundial, no ano de 1943. Embora tenha sido dissolvida em 1950, foi restabelecida em 2008. Essa esqua-

dra é responsável por todas as operações no Caribe, América Central e América do Sul.

Claramente, suas competências asseguraram a presença de toda América sob o guarda-chuva dos EUA, especialmente no Caribe.

Conclusão

A modo de síntese, cabe finalizar afirmando que é fundamental, entre os setores que é fundamental, entre os setores que

O presente ensaio refletiu, por meio da análise da História, sobre o lugar que o Poder Terrestre ocupou na Eurásia, durante todo o século XX.

Da mesma forma, descreveu-se a passagem que se está dando, neste século XXI, sobre tudo nos EUA para o Poder Aeronaval.

Finalmente, esboçou-se neste estudo que as explicações para a problemática mundial e para o problema do poder no século XXI já não podem analisar um só elemento, o poder militar, mas que também devem abordar o económico, o financeiro, o tecnológico e o cultural.

São muitas as reflexões e conclusões que se podem obter deste ligeiríssimo voo por entre as elucubrações das doutrinas geopolíticas precedentes no último século. Mas, a fim de propor para a reflexão e as devidas conclusões para nossos países, cabe pontuar, sem pretensão de esgotar o tema, qual entendemos que há de ser o papel de nossa região sul-americana:

- Garantir sua integração física terrestre interior.
- Monitorar a presença e exploração de recursos econômicos estratégicos.
- Desenvolver a Ciência e a Tecnologia para a Quarta Revolução Industrial e lograr uma cidadania participativa no desenvolvimento nacional.

A modo de síntese, cabe finalizar afirmando que é fundamental, entre os setores que é fundamental, entre os setores que

res políticos, acadêmicos, empresariais e estratéгicos, discutir o mundo atual com uma visão centrada em INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA e CULTURA, que contemple, de forma realista, as grandes tendências mundiais da economia, da tecnologia e da sociedade.

Não cabe analisar o mundo com falsas utopias ou ilusões. ☺

Referências

- BONIFACE, Pascal. *La Géopolitique. Les relations internationales*. París: Eyrolles, 2011.
- BREZEZINSKI, Zbigniew. *El Gran Tablero Mundial: la supremacía estadounidense y sus imperativos geopolíticos*. Paidós: Barcelona, 1998.
- CLINTON, Hilary. *America's Pacific Century. The future of politics will be decided in Asia, not Afghanistan or Iraq, and the United States will be right at the center of the action*. Foreign Policy, Octubre 11, 2011. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2011/10/11/americas-pacific-century/>. Acesso em 23/03/16.
- CHALIAND, Gérard ; RAGEAU, Jean Pierre. *Strategic Atlas. A comparative geopolitics of the world's powers*. New York: Harper Perennial, 1992.
- COUTANSAIS, Cyrille P. *Géopolitique des Océans. L'El Dorado maritime*. París: Ellipses, 2012.
- TUROVSKY, Rostislav. *Geografía política*. Cátedra de Geografia Política. Moscú: Universidad de Moscú, 2000.
- FUKUYAMA, Francis. *The End of the History?* The National Interest. Verano 1989. Disponível em https://www.embl.de/aboutus/science_society/discussion/discussion_2006/refl-22june06.pdf. Acesso em 27/04/16.
- HUTELLS NAVY to prepare to fight. Hobart Mercury (Australia), 8 de diciembre de 2011.
- JAFFE, Greg. *Obama announces new, leaner military approach*. The Washington Post, 5 de enero de 2012.
- KOUTOUDJIAN, Adolfo. *Determinantes geo-económicos de la Política Mundial. Revista Manual de Informaciones*. Nro.1, Vol. XLVIII, Enero/Marzo, 2006. Buenos Aires.
- KOUTOUDJIAN, Adolfo. *Determinantes geo-económicos de la política mundial. Revista de la Escuela de Guerra Naval*. Nº 51, de Diciembre 2001. Buenos Aires. (actualizado en 2014).
- LACOSTE, Yves. *Geopolítica. La larga historia del presente*. Madrid: Editorial Síntesis, 2008.
- MCLEARY, Paul. *Securing the Western Pacific. Defence Technology International*, Jun 2010, Vol. 4, Issue 6, p.4.

ONTIVEROS, Emilio; GUILLEN, Mauro. *Una nueva época. Los grandes retos del siglo XXI*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2012.

ROYES, Pierre. *Geopolitique des mers et des océans. Qui tient la mer tient le monde*. Paris: Puf, 2012.

SARNO, Hugo. *La Pivada Geopolítica Mundial (según Breszinski)*. Boletín de Difusión Académica. EDN, N° 2, 2000. Buenos Aires.

VICENS VIVES, Jaume. *Tratado General de Geopolítica*. Barcelona: Vicens Vives, 1961.

WAN, William. *Panetta in Speech in Singapore, seeks to lend heft to U.S. Pivot to Asia. The Washington Post*, 1 de junho 2012.

NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

1 Tradução de Fernando Veloso Gomes Pedrosa.

2 O presente ensaio é o resultado de um trabalho preliminar para um estudo que se encontra em andamento. Com a colaboração da Ma. Samanta Curti.

3 Hoje, provavelmente, a Marinha dos EUA é mais poderosa que as marinhas da Rússia e da China juntas. Terceira posição é o nome dado às correntes políticas contrárias tanto ao comunismo como ao capitalismo, sendo, simultaneamente, anticomunistas e antiliberais. Pretendia apresentar-se como alheia ao espectro político que posiciona os partidos políticos entre a esquerda e a direita. Na Argentina, esteve identificada com o peronismo (nota do tradutor).

4 Segundo o definido por Mackinder, é a região que bordeia, em forma de meia-lua, o Heartland. Compreende desde as Ilhas Britânicas até o Japão, passando pela Europa Oriental, Oriente Médio, o Hindustão e Sudeste Asiático.

5 FUKUYAMA, Francis. "The End of the History?", *The National Interest*, Verão, 1989. Disponível em http://www.wenbl.de/aboutus/science_society/discussion/discussion_2006/refl_22june06.pdf. Último acesso em 27/04/16.

6 Conceito também definido por Mackinder. Representa uma meia-lua ainda maior que a do crescente marginal, que compreende todo o continente americano, o que fica ao sul do Saara e a Oceania.

7 Ver CLINTON, Hillary. *America's Pacific Century. The future of politics will be decided in Asia, not Afghanistan or Iraq, and the United States will be right at the center of the action*. Foreign Policy, October 11, 2011.

8 MCLARRY, Paul. "Securing the Western Pacific" Defence Technology International, 1 de junho de 2010; "Hu tells navy to prepare to fight" Hobart Mercury (Australia), 8 de diciembre de 2011.

9 JAFFE, Greg. "Obama announces new, leaner military approach". The Washington Post, 5 de janeiro de 2012.

10 WAN, William. "Panetta in Singapore, seeks to lend heft to U.S. Pivot to Asia." The Washington Post, 1 de junho 2012.

A possibilidade de atividades terroristas em território brasileiro¹

Leandro Novelli Espindola*

A principal tarefa da estratégia contratorroraista é identificar as futuras grandes ameaças.

WALTER LAQUEUR

Introdução

D urante milênios a humanidade esteve envolvida em conflitos bélicos. O desenvolvimento e a aplicação de novas e eficazes técnicas de combate conduziram para a manutenção ou subjugação de um povo. Muitos desses embates foram realizados com a infusão do terror. Nesse ambiente, o emprego de métodos terroristas vem acompanhando a evolução da arte da guerra.

Há certa dificuldade em se definir o

índice histórico das atividades terroristas. Pode-se interpretar que começaram com os Sicários, no primeiro século da era crista (LAQUEUR, 2001), ou com Sansão, há mais de mil anos Antes de Cristo (CARVALHO, 2005). Uma das causas para a mencionada indecisão é a falta de uma definição da palavra terrorismo sob concordância mundial. Muitos países não têm harmonizado em sua nação o conceito e o entendimento para este termo.

O Brasil também não possui consenso sobre o significado preciso do vocábulo *terrorismo*, e este artigo busca caracterizá-lo antes de tratar de sua possibilidade de ocorrência em território nacional. Na tramitação do projeto de lei visando à

sua definição², Senado Federal e Câmara dos De-

putados apresentam discordância quanto à sua aplicação a movimentos sociais e manifestações.

Brian Jenkins (1980) já observava que o terrorismo é definido pela natureza do ato, não pela identidade do perpetrador ou a natureza de sua causa, sendo crimes todos os atos terroristas. Para MLR Smith (2005), o juízo moral é um erro clássico, que prejudica a compreensão do fenômeno, pois comentaristas o utilizam de modo pejorativo para estigmatizar um ator de cujos objetivos ou ações eles discordam.

Generalizações relacionadas ao terrorismo são extremamente difíceis, pois os movimentos são usualmente pequenos, com validade limitada devido à dependência das condições política e social de sua ocorrência, do contexto histórico e cultural, do propósito e característica do terror e de seus alvos (LAQUEUR, 1987). Agrega-se o fato de o significado dessa palavra ter mudado com o tempo (HOFFFMAN, 2006), fato provável de tornar a acontecer. Assim, o terrorismo apresenta dificuldades peculiares para sua explicação, classificação, resolução ou extinção.

Para Laqueur (1987), a ausência de uma

* Ten Cel Cav (AMAN/96); operador de Forças Especiais (1º BFEsp/99); mestre em Ciências Militares (FSAO/04) e doutor em Ciências Militares (FCMEL/15).